



Vista da exposição “Olhar a Terra, Ver o Céu”, realizada no Palácio Boa Vista, Campos do Jordão-SP, de 6/7 a 6/10/2024.

Na imagem, obras de Pancetti (acervo), David Almeida (direita), Danielle Noronha e Henrique Detomi (esquerda). Foto: Mônica Andrade.

**RESUMO:** O presente texto foi produzido para apresentar a exposição “Olhar a Terra, Ver o Céu”, realizada no Palácio Boa Vista, em Campos do Jordão-SP, com os artistas convidados Danielle Noronha, Henrique Detomi, Maurício Parra e David Almeida, e curadoria de Rachel Vallego. A exposição inaugurou uma sala dedicada a exposições temporárias no Palácio Boa Vista, com o objetivo de promover a produção de jovens artistas em diálogo com o Acervo dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte contemporânea; pintura de paisagem; pintura ao ar livre; exposições de arte; curadoria.

**ABSTRACT:** The text presented was produced to present the exhibition “Olhar a Terra, Ver o Céu”, held at Palácio Boa Vista in Campos do Jordão-SP, with guest artists Danielle Noronha, Henrique Detomi, Maurício Parra, David Almeida, and curated by Rachel Vallego. The exhibition opened a room dedicated to temporary exhibitions at Palácio Boa Vista, with the aim of promoting the production of young artists in dialogue with the São Paulo State Government Palaces Collection.

**KEYWORDS:** contemporary art; landscape painting; outdoor painting; art exhibitions; art curation.

## EXPOSIÇÃO

# OLHAR A TERRA, VER O CÉU

RACHEL VALLEGO - ABCA/SP

Para comemorar o aniversário de 60 anos do Palácio Boa Vista, inauguramos uma nova sala de exposições temporárias dedicada à arte contemporânea, que irá receber periodicamente novos projetos. Essa proposta vem ao encontro do compromisso do Palácio Boa Vista com o patrimônio artístico e cultural da cidade de Campos do Jordão, promovendo uma programação diversificada e sintonizada com a atualidade.

A exposição “Olhar a Terra, Ver o Céu” ocorreu entre 6 de julho e 6 de outubro de 2024 e propôs uma discussão sobre a paisagem na contemporaneidade, a partir da produção de quatro pintores: Danielle Noronha, Henrique Detomi, Maurício Parra e David Almeida.

Há uma história comum que perpassa os artistas, que tem como ponto de convergência a cidade de Pindamonhangaba, onde os quatro amigos se reuniram muitas vezes, para saídas para sessões de pintura ao ar livre na região do Vale do Paraíba. Assim, procuramos retomar a reflexão sobre a paisagem



Vista da exposição “Olhar a Terra, Ver o Céu”, realizada no Palácio Boa Vista, Campos do Jordão-SP, de 6/7 a 6/10/2024. Na imagem, obras de Danielle Noronha e Henrique Detomi. Foto: Mônica Andrade.

a partir do reencontro com a natureza, privilegiando o sentido da experimentação, de como esses artistas vivenciam a paisagem em suas obras.

A noção de viagem atravessa a poética desses artistas ao valorizar a experiência sensível de estar no mundo. Cada qual põe em choque noções tradicionais da pintura de paisagem,

ao focarem na experimentação de materiais e técnicas. A materialidade como norteadora da experiência evidencia o caráter contemporâneo dessa produção, uma vez que a paisagem surge como ponto de inflexão do gênero artístico para um modo de estar no mundo. Dessa maneira, a fruição estética se traduz numa reconciliação entre interior e exterior, visível e invisível, terra e céu.

### “A PAISAGEM É DESCENTRALIZADORA DA EXPERIÊNCIA POIS COLOCA EM PERSPECTIVA NOSSO ESTAR NO MUNDO”

Dos pintores naturalistas do século XVII à dissolução dos gêneros artísticos desde a modernidade, a pintura de paisagem segue despertando o interesse dos artistas contemporâneos. Se, para Milton Santos, a paisagem é apenas uma porção da configuração territorial possível de ser abarcada pela visão, para Jean-Marc Besse, a paisagem é constitutiva da compreensão de mundo da modernidade, uma vez que envolve o sentido de

responsabilidade ética de habitar a Terra, mantendo viva a relação entre a humanidade e a natureza.

Gosto de pensar a paisagem como a linha entre o céu e a terra, que

cria um estado de alma, um desejo de comunhão com o espaço que nos cerca. A paisagem é descentralizadora da experiência pois coloca em perspectiva nosso estar no mundo. No inglês arcaico, *landscape* tem o



Vista da exposição “Olhar a Terra, Ver o Céu”, realizada no Palácio Boa Vista, Campos do Jordão-SP, de 6/7 a 6/10/2024. Na imagem, obras de Danielle Noronha, Henrique Detomi, Maurício Parra e David Almeida. Foto: Mônica Andrade.

sentido de moldar a terra com o corpo, estando ligada às práticas agrárias para a sobrevivência da comunidade, e apenas posteriormente desenvolveria o sentido de uma cultura do olhar. Ou, como Eric Dardel nos lembra, a geografia, ou seja, a grafia da terra, escrevemos na superfície da Terra, e essa escrita é a paisagem.

### “A MATERIALIDADE COMO NORTEADORA DA EXPERIÊNCIA EVIDENCIA O CARÁTER CONTEMPORÂNEO DESSA PRODUÇÃO”

Ao propor essa exposição, procura-se retomar a reflexão sobre a paisagem a partir do reencontro com a natureza pela visão de quatro artistas: Danielle Noronha, Maurício Parra, David Almeida e Henrique Detomi. Privilegiamos aqui o sentido da experimentação, de como esses artistas vivenciam a paisagem em suas obras. A materialidade como norteadora da experiência evidencia o caráter contemporâneo dessa produção, uma vez que a paisagem surge como ponto de inflexão do gênero artístico para um modo de estar no mundo.

A produção de Henrique Detomi parte da conexão do corpo com o espaço através do caminhar. Andar sem destino permite que esteja no presente, em conexão com o ambiente. O contato com a terra nessa deambulação reflete diretamente nas massas pictóricas de suas obras. A camada grossa de tinta e cera enfatiza a visceralidade da terra, ao mesmo tempo em que acentua o contraste com as áreas abertas, onde a superfície aparente se torna abissal. Ao deixar expostos os vários tipos de preparação da tela ou madeira, o artista também provoca um diálogo com a historicidade da técnica ao subverter a expectativa de preenchimento pela materialidade estrutural. Esse jogo de cheios e vazios, matéria crua e densa, evoca, assim, uma noção de esfarelamento da realidade.

Há uma história comum que perpassa esses quatro artistas, que tem como ponto de convergência a propriedade da família de Maurício Parra, em Pindamonhangaba, onde os quatro amigos se reuniram muitas vezes, para saídas para sessões de pintura ao ar livre. Nas obras de Parra, vemos essa silhueta do mar de montanhas

verde-escuras da região do Vale do Paraíba deslumbrarem nossos olhos. Da paisagem como exercício à paisagem como ofício, Parra entende que cada instante na paisagem é frugal. Ao aceitar que o olhar jamais captura aquilo que vê, sua pintura recolhe fragmentos desse sentimento que é estar na paisagem.

### “É IMPORTANTE NOTAR COMO A NOÇÃO DE VIAGEM É CARA AOS QUATRO ARTISTAS, UMA VEZ QUE A PAISAGEM IMPLICA DESLOCAMENTO”

É interessante observar como David Almeida transita entre uma gama variada de suportes. O desejo por moldar a superfície o levou ao barro cerâmico, no qual ele deixa marcas da manipulação aparentes, criando uma textura para a pintura que acontece posteriormente. Suas paisagens transitam entre pequenas placas de madeira que ele encontra pela cidade, por vezes criando composições com fragmentos. O suporte em madeira é uma técnica compartilhada pelos



Vista da exposição “Olhar a Terra, Ver o Céu”, realizada no Palácio Boa Vista, Campos do Jordão-SP, de 6/7 a 6/10/2024. Detalhe da montagem com obra de Pancetti (acervo) e David Almeida. Foto: Mônica Andrade.

artistas. A preparação do bolo armênio sobre madeira cria uma superfície lisa que possibilita experimentações com mídias variadas, como óleo, têmpera, aquarela.

A subversão da técnica também faz parte da produção de Danielle Noronha. Ao se dedicar à paisagem a artista experimenta a materialidade da terra na coleta de pigmentos para produção

de tintas. A pesquisa e aplicação sobre diferentes superfícies criam resultados surpreendentes, como uma aquarela sobre tecido, de grandes dimensões. Aceitar como os materiais reagem entre si reforça a importância do estar no movimento do mundo. A passagem do dia, as mudanças na luz, o movimento constante de tudo o que nos cerca vibram sem pudor na obra de Noronha. Entende que qualquer resultado é provisório, não se satisfaz com efeitos, mas permanece em busca daquilo que é essencial.

É importante notar como a noção de viagem é cara aos quatro artistas, uma vez que a paisagem implica deslocamento. Como Robert Smithson comenta, a cidade dá a ilusão de que a terra não existe. A construção das cidades criou um distanciamento da terra, nos esquecemos que, por baixo de ruas, calçadas e prédios, pulsa uma terra viva. Recuperar que a palavra paisagem deriva do latim *pagina*, cujo um dos sentidos seria “parcela de vinhedo cultivado”, será determinante. Aqui é necessário retomar o sentido do prazer,

implícito no cultivo da uva, na produção do vinho.

Silenciosamente resiste na paisagem o culto a Dionísio ou Baco. Deus do êxtase, evoca emoções profundas que podem proporcionar um

abandono da consciência habitual, em busca de integração com o todo. Talvez seja por isso que a paisagem nos compila tanto. O reencontro com a natureza se tornou uma necessidade para a reconexão com o sagrado,

para recuperar o sentido afetivo e sensível de estar no mundo. Dessa maneira, a experiência estética se traduz numa reconciliação entre interior e exterior, visível e invisível. Olhar a terra, ver o céu.



Vista da exposição "Olhar a Terra, Ver o Céu", realizada no Palácio Boa Vista, Campos do Jordão-SP, de 6/7 a 6/10/2024. Na imagem, obras de Camargo Freire (acervo) e Maurício Parra. Foto: Mônica Andrade.



Vista da exposição "Olhar a Terra, Ver o Céu", realizada no Palácio Boa Vista, Campos do Jordão-SP, de 6/7 a 6/10/2024. Na imagem, obras de Pancetti (acervo), David Almeida (direita), Danielle Noronha e Henrique Detomi (esquerda). Foto: Mônica Andrade.

## REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Edições 70, 2008.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Editora do Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, Francis Wilker de. *Arte e paisagem: mover fronteiras, reencontrar a terra*. PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 12, n. 25, mai-ago., 2022. Disponível em <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.36070>

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PEREIRA, Edir Augusto Dias. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Resenha. GEOgrafia, Ano VIII, n. 15, 2006.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SMITHSON, Robert. Uma sedimentação da mente. In: COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (orgs.). *Escritos de artistas anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 182-97.

## RACHEL VALLEGO

Curadora do acervo dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo. Doutora em Estética e História da Arte pelo PGEAH-USP, mestre em Arte pela UnB. Atua na realização de exposições de arte moderna e contemporânea como pesquisadora e curadora de arte desde 2010. É associada da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).